

Carlos Drummond de Andrade

# A poesia, a política e o amor

**E**m 1930 aparecia o livro de estreia do poeta Carlos Drummond de Andrade, intitulado, ambigüamente, *Alguma poesia*. O que significava o título?

Era a expressão da modestia do poeta, sua necessidade de dizer ao leitor que naquele volume ele não encontraria "muita" (apenas "alguma") poesia? Ou era o testemunho da confiança com que o autor anunciava que, num tempo de pouca (quase nenhuma) poesia, os aficionados do verso podiam estar seguros de que o livro, magrinho, impresso nas oficinas do jornal "Minas Gerais" (órgão oficial do estado), continha - mesmo - "alguma poesia"?

O próprio título do livro de estreia já indicava uma das características do poeta: sua capacidade de perceber e expressar a riqueza dos matizes e a ambivalência da condição humana. Drummond pertence à família espiritual dos escritores que não se empenham em edificar, não têm a veleidade de dissipar todas as sombras da matéria-prima da literatura. Ele mesmo dizia: "Sou mineiro, e mineiro é, em geral, reticente, oblíquo. Considero Machado de Assis o maior escritor brasileiro e dele extraio a lição de não fazer o discurso direto, iluminado por todos os lados".

A maior força da poesia de Drummond está em *identificar* (não em resolver) os problemas humanos. A poesia dispõe de poderes limitados, não devemos nos iludir a esse respeito. E o poeta, para se consolar, cultiva o senso de humor, que relativiza suas próprias convicções, que o impede de se levar muito a sério. Ele se sente desajeitado, "ganche na vida".

Leva a sério as brincadeiras e, em seguida, brinca com coisas sérias. Desfaz as fronteiras de-

A influência de Mário se fez sentir em duas preocupações centrais do autor de "Alguma poesia": a de buscar a consciência social da arte e a de se servir dessa consciência para a descoberta ou redescoberta gradativa do Brasil em nós" (leia-se a entrevista radiofônica concedida a Lya Cavalcanti e reproduzida no volume "Tempo Vinda Poesia", lançado em 1986 pela editora Record).

O Drummond do livro de estreia repelia com firmeza a imitação da Europa: "Meus olhos brasileiros se enjoam da Europa", dizia ele. E em outro poema, num tom brincalhão: "Para mim, de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa. / A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso de dinheiro / e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a perna na gente". Essa visão crítica, irônica, do "modelo" europeu não era acompanhada de nenhum "ufanismo", de nenhuma idealização dos brasileiros. Depois de ter-se divertido às custas da diversidade de línguas dos povos da Europa, o poeta conclui, debochado: "Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha só".

Nós, brasileiros, não somos melhores nem piores do que os outros; somos, contudo, diferentes. Nosso modo de viver a condição humana se distingue da maneira de viver e de sentir que observamos em outras comunidades (que partilham conosco da mesma condição humana, que temos em comum). Drummond, em 1930, inquieto com os aspectos mais crassamente inumanos da sociedade brasileira, olhava com simpatia para a generosa experiência revolucionária da União Soviética e escrevia: "A Rússia tem as cores da vida. / A Rússia é vermelha e branca. / Sujeitos com um brilho esquisito nos olhos criam o filme bolchevista e no túmulo de Lênin em Moscou parece que um coração enorme está batendo, batendo". Porém, logo o movimento da simpatia se controlava, recorrendo à constatação: "mas não bate igual ao da gente".

A poesia de Drummond enfrenta o desafio de se inserir energeticamente na realidade brasileira. Essa inserção, entretanto, nunca poderia ser acritica, nunca poderia resvalar para a autoindulgência. Se estamos dispostos a assumir nossa brasilidade, devemos ser implacáveis em relação a nós mesmos e às nossas deficiências mais gritantes.

Em seu segundo livro ("Brejo das almas"), o poeta fustiga sarcasticamente o cinismo do programa modernizador proposto pelos privilegiados para o Brasil: "Precisamos educar o Brasil. / Compraremos professores e livros, / assimilaremos finas culturas, / abriremos *dancings* e subvencionaremos as elites" (esses versos se encontram num poema ironicamente intitulado "Hino nacional").

O terceiro livro - "Sentimento do mundo" - mostra Carlos Drummond de Andrade, no poema "O operário no mar", procurando discernir o futuro que poderia estar embutido no movimento de um trabalhador simbólico. "Na rua passa um operário", escreve o poeta. E acrescenta: "Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega designios e segredos". Da janela do seu apartamento, o poeta se pergunta: "Para onde vai o operário?". E responde: "Não sei". "Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca". Alguns versos adiante, o poema caminha para o encerramento. O operário vai até o mar, a noite começa a cair e o operário sorri para o poeta: "Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto. Trazer-me uma esperança de compreensão". As últimas palavras do poema são: "Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?".



**Aos olhos do PCB, ele estava 'do outro lado' e foi atacado como inimigo. Sua decepção aumentou**

tabelecer ressalvas à orientação partidária. Nunca pertencerei a um partido, isto eu já decidi".

Nas condições em que se dispunha a atuar, preservando sua independência, o poeta logo se deu conta de que ficava isolado, não tinha nenhum poder real. Comentando a edição de uma coletânea de textos de Marx e Engels sobre literatura e arte lançada na França por Jean Fréville e vertida para o português por uma escritora de esquerda que não estava na época nas boas graças da direção do PC, Drummond informou, na última frase de seu artigo: "Eneida traduziu". Pois bem: cortaram a informação. O nome de Eneida não podia aparecer.

Sem estrépito, o poeta resolveu se afastar, porque percebia que sua co-direção era mais nominal do que real. Deixou a "Tribuna Popular" em novembro de 1945 e no mês seguinte, nas eleições, votou em Prestes e Abel Chermont para senadores, mas não votou em Yedo Fiúza, candidato do PC à Presidência da República: preferiu o candidato liberal, Eduardo Gomes.

A partir desse momento, o caminho do poeta e o caminho dos comunistas se bifurcam, os movimentos se afastam, os malentendidos proliferam. Começam a soprar os ventos sinistros da "guerra fria", o PC endurece suas posições políticas: preparando-se para a dureza dos novos tempos, os comunistas tratam de ocupar espaços e articulam a conquista da direção da Associação Brasileira de Escritores, numa linha resolutamente sectária. A eleição para a direção da ABDE, em 1949, se transformou numa verdadeira batalha campal, com lances até de violência física. Drummond, aos olhos do PC, estava do "outro lado" e foi atacado como "inimigo". O episódio aprofundou a decepção do poeta.

Os poemas do período subsequentes refletem a desilusão. No "Desaparecimento de Luísa Porto", solidário com o sofrimento pessoal de uma mãe cuja filha sumiu na cidade grande, ele pede que todos auxiliem na busca e conclama: "Esqueçam a luta política". Em "Contemplação no Banco", ele diz que não sabe cantar "os ódios organizados" e pensa no homem que virá, no futuro: "Nalgum lugar faz-se esse homem... / Contra a vontade dos pais ele nasce, / contra a astúcia da medicina ele cresce, / e ama, contra a amargura da política" (no livro "Claro enigma").

Desaparecera, definitivamente, a possibilidade, para Drummond, de fazer poesia épica. Ele se retraiu, com a dignidade que lhe era peculiar. Seus versos continuam, eventualmente, a tematizar preocupações políticas e questões sociais, e sempre expressando valores humanistas e democráticos: um compromisso permanente reiterado com a liberdade (que o levaria, nos anos sessenta e setenta, a uma clara oposição à ditadura militar). Cada vez mais claramente, entretanto, o poeta se debruça, fascinado, sobre a riqueza da experiência humana - inesgotável - do amor.



**A maior força da poesia de Drummond está em identificar (não em resolver) os problemas humanos**

masiadamente nítidas. "Eu também já fui poeta", declara o estranho estreato: e se diverte acrescentando: "Bastava olhar para mulher, / pensava logo nas estrelas / e outros substantivos celestes. / Mas eram tantas, o céu tamanho, / minha poesia perturbou-se".

"Alguma poesia" está dedicada a Mário de Andrade. Em 1924, uma "caravana" integrada por um grupo de pessoas ligadas ao movimento modernista de São Paulo tinha chegado a Belo Horizonte e se instalara no Grande Hotel de Belo Horizonte. Do grupo faziam parte Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Gofredo Teles, Olivia Guedes Penteado, Mário de Andrade e o poeta francês: Blaise Cendrars. Os jovens intelectuais mineiros que simpatizavam com o modernismo foram ao encontro deles. Ficaram encantados com a verve do piadista Oswald, porém acabaram se interessando mais por Mário. Drummond ficou profundamente marcado pela personalidade de Mário. "O que Mário esperava de nós não era que o seguissemos, mas que nos descobrissemos a nós mesmos, ao que pudesse haver de bom em nós, no sentido de inquietação, desejo de investigação e reflexão".

Outro poema de "Sentimento do mundo" sintetiza a perspectiva de Drummond: "Não serei o poeta de um mundo caduco. / Também não cantarei o mundo futuro". E no final se lê: "O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, / a vida presente".

O presente, contudo, encarado de um ângulo crítico, cobra de quem o vive opções relativas às possibilidades futuras. E Carlos Drummond de Andrade, já radicado no Rio de Janeiro, funcionário do Ministério da Educação, aproxima-se dos comunistas e tende, cada vez mais, a se identificar com a causa que eles defendem. Revolta-se contra o capitalismo, mas reconhece que não pode, "sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan" (a vitrina da prosperidade - e da insalubridade espiritual - exibida pelo mundo burguês).

O solitário se sente mal na sua solidão. O individualista desconfiado se sente convocado, com insistência, para embarcar no navio da confiança imprescindível à ação política coletiva. No livro *José*, surge o ímpeto que manda o poeta cortar sua mão suja, doente, atingida por "mortal desgosto / na pele enfiada"; e surge a idéia compensadora de que, "com o tempo, a esperança, / e seus maquinismos, / outra mão virá pura - transparente - / colar-se a meu braço".

Ao comunismo cabe, então, a função de forjar essa nova mão, pura, transparente, que substituirá a mão doente amputada na alma do poeta. Drummond observa sua época e admite: "Esse é tempo de partido, / tempo de homens partidos". Enquanto a nova mão não vem, o jeito é usar os meios disponíveis, acomodad-



**Em 1930, o poeta olhava com simpatia para a experiência revolucionária da URSS**

se à lógica da ação rude da política partidária. Num dos poemas de "A rosa do povo", ele diz: "Os subterrâneos da fome choram caldo de sopa, / olhos líquidos de cão através do vidro devoram teu osso. / Come, braço mecânico, alimenta-te, mão de papel, é tempo de comida, / mais tarde será o de amor".

As tropas da União Soviética, apesar das graves perdas sofridas, enfrentavam na Europa a poderosa máquina militar nazista e obtinham emocionantes vitórias, que ajudavam a salvar a humanidade do pesadelo de um

Terceiro Reich implantado em escala mundial. Drummond encontrou um tom épico na "Carta a Stalingrado", no "Telegrama de Moscou", na "Visão 1944" e no poema "Com o russo em Berlim" (todos constantes de "A Rosa do povo"). O papel desempenhado pelos russos animava-o a declarar enfaticamente sua disposição: "O poeta / declina de toda responsabilidade / na marcha do mundo capitalista / e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas / promete ajudar / a destruí-lo / como uma pedreira, uma floresta, / um verme".

Em 1945, com a decomposição do "Estado Novo" getuliano, o Partido Comunista emergiu fortalecido das catacumbas, tornou-se legal, criou um jornal: a "Tribuna Popular". Luis Carlos Prestes, saindo da cadeia, convidou Drummond para integrar o grupo que dirigiria o jornal, ao lado de Pedro Mota Lima, Alvaro Moreyra, Dalcídio Jurandir e Aydano do Couto Ferraz. O poeta aceitou.

Fazia parte da direção da "Tribuna Popular", no entanto não era militante da agremiação. Em seu diário (reproduzido no volume "O observador no escritório, da editora Record), Drummond já tinha anotado, em 14-3-1945: "sinto aversão temperamental pelo que, nas esquerdas, é desorganização, agitação e ausência de certas delicadezas e sentimentos". E em 12 de abril do mesmo ano, referindo-se especificamente ao PC: "Minha suspeita é que o partido, como forma obrigatória de engajamento, anula a liberdade de movimentos, a faculdade que tem o espírito de guiar-se por si mesmo e es-